

# SÉCULO XIX, A ESCRITA FEMININA EM JORNAIS, SUAS TRANSFORMAÇÕES E PERSPECTIVAS... COMO O CONTO DE MARIA LÚCIA INDICA ISSO?

XIX CENTURY, THE FEMALE WRITING IN A PERIODICS, ITS TRANSFORMATIONS  
AND PERSPECTIVES... HOW DOES MARIA LÚCIA'S NOVEL INDICATE IT?  
SIGLO XIX, LA ESCRITURA FEMENINA EN LOS PERIÓDICOS,  
SUS TRANSFORMACIONES Y PERSPECTIVAS... ¿CÓMO  
LO INDICA EL CUENTO DE MARIA LÚCIA?

Mariana Silva Rodrigues<sup>1</sup>

## Resumo

O trabalho em questão analisa a escrita metafórica de um conto de Maria Lúcia Romariz no ano de 1888 no jornal *A família: jornal literário dedicado a educação da mãe e família* (SP), da redatora Josephina Alvares de Azevedo. Para isso, a análise do artigo parte de autores como Barbosa (1974), Abreu (2003), assim como, pesquisas no acervo na Biblioteca Nacional Digital do Brasil. No final do século XIX, com o aparecimento mais recorrente da escrita feminina nos jornais das províncias brasileiras, transformações sociais ficam evidentes na produção escrita, que, associada à situação socioeconômica da autora, somam para uma reconstituição do cenário da escrita feminina do final do século XIX. Na escrita de Maria Lúcia, a metáfora de um *despertar* social evidencia que transformações mentais eram presentes na representação feminina em primeira pessoa do discurso no texto, mas que, apesar da presença, a escrita feminina ainda era restrita a camadas mais altas da sociedade.

**Palavras-chave:** Escrita; Feminina; Século XIX; Despertar.

## Abstract

The work in question aims to analyse the metaphorical writing of a romance from Maria Lúcia Romariz, published in the year of 1888 at the *A família: jornal literário dedicado à educação da mãe e família* (SP) directed by editor Josephina Alvares de Azevedo. To do so, the analysis of the article begins from authors such as Barbosa (1974), Abreu (2003), as well as researches on the collection at Biblioteca Nacional Digital do Brasil. At the end of the XIX century, with the most recurring appearance

.....

1. Graduanda em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, <http://lattes.cnpq.br/9975030333818124>, [marirodri.hst@gmail.com](mailto:marirodri.hst@gmail.com).

of female writing in Brazilian province journals, social transformations became more evident in writing production, that, associated to the writer's socioeconomical situation, add to a reconstitution of the female writing scene of the end of the XIX century. In Maria Lúcia's writings, the metaphor of a social awakening highlights that mental transformations were present in the first-person female representation in the text speech, although, despite its presence, the female writing was still restricted to the highest layers of society.

**Keywords:** Writing, Female, XIX Century, Awakening.

### Resumen

La obra en cuestión analiza la relación metafórica de un cuento de Maria Lúcia Romariz en 1888 en el diario *A Família*: diario literario dedicado a la educación de la madre y la familia (SP), de la editora Josephina Alvares de Azevedo. Por esta razón, el análisis del artículo proviene de autores como Barbosa (1974), Abreu (2003), así como de investigaciones en la colección de la Biblioteca Nacional Digital de Brasil. A fines del siglo XIX, con la aparición más recurrente de la escritura femenina en los periódicos de las provincias brasileñas, se evidencian cambios sociales en la producción escrita, que, asociados a la situación socioeconómica de la autora, se suman a una reconstitución del escenario de la escritura femenina a finales del siglo XIX. En la escritura de Maria Lúcia, la metáfora de un despertar social muestra que las transformaciones mentales estaban presentes en la representación femenina en primera persona del discurso en el texto, pero que, a pesar de su presencia, la escritura femenina todavía estaba restringida a los estratos más altos de la sociedad.

**Palabras-clave:** Escritura; Femenina; Siglo XIX; Despertar.

### A escrita oitocentista em perspectiva

A escrita em jornais femininos no período oitocentista ainda que carregado de matrizes de nacionalismo e maternidade, configura transformações no ambiente social ao (permitir) a escrita de mulheres para mulheres. Na década de 1880, Maria Lúcia Romariz faz-se presente no jornal *A Família*: jornal literário dedicado à educação da mãe de família (SP), inicialmente circulado em São Paulo, mas ficando maior parte no Rio de Janeiro após a mudança da redatora Josefina Álvares de Azevedo para a cidade.

As temáticas existentes no jornal *A Família* transitam entre produções sobre educação, poemas, trechos de dedicatórias de mulheres para mulheres, notícias sobre o cenário educacional e contos. Assim, Maria Lúcia Romariz, com sua escrita no periódico *A Família*, metaforiza um eu-lírico em que na passagem da infância para juventude faz menção a uma sociedade que se altera em sua mentalidade, já que o contexto de produção do final do século XIX em São Paulo remete a transformações sistêmicas.

Tendo em vista que juntamente com Alcina Leite, protagonizaram publicações em jornais em comum, assim como, engrenaram no processo educacional brasileiro. Dessa forma, em 1883, Maria Lúcia inaugura o Atheneu Alagoano para jovens mulheres em Maceió (AL). Aspectos esses intimamente ligados à convivência sejam parentais ou amicais com pessoas inseridas no ambiente da escrita e educação do século XIX que contribuíram para a inserção da escrita da autora no jornal.

Apesar da movimentação que a vinda da Corte Real trouxe em 1808 para o Brasil, permitindo a circulação de jornais em várias das capitais do país, a maior parte da população ainda era analfabeta. Assim, a leitura oral em salões era um grande artifício de acesso a poemas e matérias publicadas nos jornais. Nesse aspecto, a situação socioeconômica da magistrada proporcionou o exercício do ensino primário e a prestação de exames de francês e português, mencionados com proficiência no periódico *O Caixeiro: Periódico Noticioso, Commercial e litterario*, em 1880 (AL).

Apesar da passagem do século XIX para XX, marcar uma inserção da mulher seja na escrita, seja no cenário educacional do país em jornais, o analfabetismo ainda era característico, principalmente no sexo feminino, mesmo com a intervenção de D. Pedro I através da regulamentação de uma educação no Império em 1827 por meio de sua inclusão. Ainda assim, algumas mulheres apoiadas a um fator econômico e parental, como era o caso de Maria Lúcia, se inseriram nesse contexto de escrita feminina.

Importante salientar que o termo que melhor se assemelha ao literário, de acordo com Márcia Abreu em *História da literatura: o discurso fundador* (2003), é o Belas-letras, já que a palavra *literatura* é na maioria dos casos empregada com significações diferentes, como no caso do jornal *A Família: jornal literário dedicado à educação da mãe de família*, em que a produção escrita está associada a um viés educacional específico para mulheres. Dessa forma, o conceito presente atualmente não converge com o existente no século XIX.

Nascida em Palmeiras dos Índios (AL) em 1863, Maria Lúcia foi diretora do Atheneu Alagoano (1883), redatora do Almanack Litterario Alagoano das Senhoras (1888) e da Revista Alagoana Periódico Scientifico e Litterario (1887). Suas belas-letras no jornal *A Família* (1888) não se resumiu a poemas, mas também abrangia textos um pouco mais extensos. Tendo em vista a titulação que deve ser atribuída à sua escrita no jornal no presente artigo, Mário de Andrade em *Contos e Contistas* (1938) afirma que será conto aquilo que seu

autor batizou com o esse nome, aspecto que evoca a volubilidade da autora de decidir sua nomeação. Ao partir da premissa de que a autora não delimitou seu texto com determinado significado, faz-se presente a concepção de Poe acerca do conto, em que consiste quando “o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for” (Edgar Allan POE, 1981, p. 46).

### **Análise textual da escrita de Maria Lúcia e a teia de relações da autora**

Ao buscar cerne no método de análise de conteúdo temático de jornais, identificado por Zicaman (1984, p. 95) como “significado dos discursos independentemente de sua forma linguística, centrando-se na análise do conteúdo”, o conto de Maria Lúcia, marcado pela temporalidade passada inicia com “Quando os meus dias sorriam serenos por entre as harmonias da infância” (A FAMÍLIA, 1888, p. 7), em que a autora atribui à infância um estado de harmonia, em que a criticidade não era evidente em sua formação. “[...] muitas vezes o anjo de minha fantasia transportava-me a um mundo ignoto [...] habitava-o uma sociedade amável, tão amável que me atraía”.

A figura do anjo, recorrente no mito católico do qual Maria Lucia incorporava, assim como, a maior parte da população do século XIX em São Paulo, apresenta a racionalidade em um mundo recheado pelo amor, sentimento que atrai o eu-lírico do texto pela serenidade. “E saberia eu o que era amor?” a autora introduz uma indagação em sua escrita, características que convergem com Romantismo no final do século XIX, marcado pela introspecção e expressão do sentimentalismo recorrente em escritas femininas, já que, a leitura que consumiam fazia parte inicialmente de periódicos estrangeiros.

“Mas sentia-o [...] tão mimosa como um ideal de Deus”, a ortodoxia católica de Maria Lúcia também se confirma tendo em vista a grade curricular do Atheneu Alagoano, fundado em 1883, em que um dos objetivos programados era “incutir no espírito das alumnas do Atheneu o ensino e a educação moral e intellectual, que sejam uteis e agradáveis á família e á sociedade” (O ORBE, 1884, nº 16, p. 3), presente no jornal O Orbe do redator José Leocádio Ferreira Soares entre os anos de 1879 até 1897. Leocádio foi nomeado 2º secretário em 1869 da diretoria da Associação Tipográfica Alagoana de Socorros Mútuos (1869/1898), ocupou cargos públicos importantes e descreve a direção do *Atheneu Alagoano* dirigido por Maria Lúcia após a morte de seu marido Antônio de Almeida Romariz em

1883, com benevolência que remete a uma relação de proximidade e sensibilidade com a jovem viúva que tinha convivência com pessoas contidas na imprensa:

E assim, parecendo querer desfarçar a dôr, procura concentrar no cultivo de sua intelligencia e das de suas comprovincianas todas as forças de seu esclarecido espírito, assaz, porém abatido pela última rajada de sorte. A par d'esse luminoso intuito converge por igual a prática de labor honesto e da beneficencia desinteressada todas as expansões de sua alam e os generosos impulsos de seu coração, tão ermo de alegrias e confindencias! (O ORBE, 1883, p. 1).

O Atheneu Alagoano (1883) dispunha da ajuda administrativa da irmã de Maria Lúcia, Suzana Sampaio Costa e da professora de francês, inglês e piano na capital, Suzana Wucherer. A autora contava com o apoio de alguns nomes que auxiliavam no renome do Atheneu, já que, o falecido marido de Maria Lúcia, Antonio de Almeida Romariz era poeta e foi professor da autora juntamente com Ignacio Costa, fato que a coloca como exceção das mulheres do século XIX. Na seção *Gazetilha*, em que um noticiário específico é destinado a parabenizar os exames de preparatório dos quais a autora prestou com distinção, o pai de Maria Lúcia, José Vieira de Sampaio, é retratado como “respeitavèl e abalisado tabellião publico” (O CAIXEIRO<sup>2</sup>, 1880, p.3), profissão que tinha fama de confiança pela sociedade.

A organização social do Brasil no século XIX se dava pela Igreja, sendo inclusive os calendários dispostos nos Almanques da época marcados por datas comemorativas do Cristianismo Católico. Assim, até mesmo a administração do Império Brasileiro era regida por preceitos católicos, como oficialização de casamentos e nascimentos. No jornal *A Família* a legitimação da educação para mulheres é justificada pela sacralidade da mulher ser de suma importância, visto que, a maternidade representaria o exercício do divino em terra. Apesar dessas justificativas, havia escritas que apresentavam um parecer diferente, o que é atribuído às transformações das noções da época.

“E eu sentia que amava e amava essa sociedade tão bela, tão pura, tão atraente pela sua superfície, e... amava-a!” (A FAMÍLIA, 1888, p. 7), o eu-lírico salienta gradativamente o afeto que tem por aquela sociedade que conhece, mas ainda assim, quebra o ideal de uniformidade com a inclusão

.....

2. Os chamados caixeiros eram comerciantes, e que, por meio do periódico, visavam a união entre essa classe. Por isso, O Caixeiro (AL) tinha por subtítulo Orgão da Classe Caixeiral das Alagoas.

da expressão *pela superfície*, evidenciando que a beleza e atração fazia parte de uma visão parcial da realidade. Consequentemente, a escritora evoca uma realidade em que é bem mais do que aparenta, já que, a superfície seria aquilo que é facilmente visível.

“Minh’alma pura, virgem, incauta, desenrolou suas gazes para envolver as crenças tão loucas que agitavam-se-me, emergidas pelas seducções desse mundo para mim altruísta que acabava de, qual ousado Colombo, descobrir bello, ridente e magestoso!”, as gazes, costumeiramente usadas em curativos desenroladas metaforizam os ferimentos abertos, ou seja, aquilo que dói sendo exposto e que não é mais protegido, “e, descobrindo-o disse ao anjo de minha phantasia: — Como são bellas estas paragens’... Parecem unguidas das bondades do céu! O anjo olhou-me... sorriu-se com ternura e disse-me: — Caminha”, o anjo funciona como fluxo de consciência, produto de amadurecimento de ideias, e dessa maneira, o conto prossegue conforme o anjo apresenta mulheres que representam abstrações.

A primeira a ser mostrada é uma mulher que metaforiza a ilusão, onde “ella engolphou-me nas suas meiguices, embalou-me com a symphonia de seus osculos embriagadores. E eu adormeci...”, o ato de dormir representa esse estado de intenso desajuste ao que de fato acontece, na qual a ilusão proporciona um estado de imobilidade e ausência de reação com a realidade.

[...] numa som-bra—que -ante mim surgiu— o infortúnio— não consentiu que o meu somno fosse muito prolongado e arrebatou-me á essa doce Mancenilha que me disputara... E eu despertei [...] E eu perguntei-lhe: Onde jaz agora minha encantadora illusão? mostrou-me dous perfis de mulher. Um com a frente sombria e descabida bumedecia p regaço com as bagas crystalinas de seu pranto o outro sereno e illuminado— era a razão. (A FAMILIA, 1888, p. 7)

O semblante iluminado da razão mostra que a escritora optou por colocá-la com clareza e serenidade contrária à figura sombria, de modo a dicotomizar as duas mulheres representadas na metáfora. “Quem és tu cuja tetrica figura atterra-me e aniquillame, e infiltrando-me a descrença e o desalento n’alma!... tu, cujo contagio fana as flores mimosas do minha mocidade, os santos perfumes da minha adorada existência—o meu acariciado talisman [...] — Eu?... eu sou o Desengano!!” Há uma tomada de esclarecimento sobre a realidade em que ela vive.

As figuras femininas utilizadas no conto inferem um crescimento do feminino representando mudanças que extrapolam o enredo ficcional. Anna

Vieira Sampaio, irmã de Maria Lúcia, foi a primeira alagona a se formar em Direito (1893), o que indica o progressismo da família Sampaio, como afirmado em *O Caixeiro* ao referir-se ao pai da autora: “cavalheiro progressista compreende a missão sublime da mulher como ente intellectuai, moral e social, não perde tempo em curar da educação de seus filhos, votando soberano desprezo aos vis preconceitos” (O CAIXEIRO, 1880, p.3). A jovem, portanto, possuía suporte para desenvolver-se no âmbito educacional.

Consoante a isso, em 1888 funda o Almanack Litterario Alagoano das Senhoras que tem a colaboração em 1889, da Princesa Imperial Regente. Nesse caso, uma edição é dedicada à ela, chamada de Redentora, em que a população deveria a ela grande bondade da extinção da condição servil, ficando evidente a concordância com o fim da escravidão e a associação do caso como benevolência da princesa. Assim, menciona que o Almanach é “se não nos enganamos, e sae á luz com o auxilio da Sereníssima Princeza Imperial Regente, que generosa, acolheu o nosso tentamen, o que lhe agradecemos do intimo d’alma” (ALMANACK LITTERARIO ALAGOANO, 1888, p. 55).

O Almanack recebe ainda a colaboração de diversos nomes, tais quais, Alcina Carolina Leite Pindahíba, nascida em 1854 em Atalaia (AL) amiga e colega de ofício de Maria Lúcia, publicando seus versos no almanaque, assim como, a baiana Anna Autram, nascida em 1856, descendendo de uma família aristocrática, da qual recebe instrução desde nova, sendo letrada bem cedo. Ignez Sabino, membro de família com grandes posses, filha do médico homeopata Olegário Pereira Sabino Ludgero Pinho, aumentou seus conhecimentos na Inglaterra, sendo exceção e não regra das mulheres do século XIX, também contribuiu com sua escrita no Almanack Litterario Alagoano das Senhoras.

### **As condições sociais que engendram o processo de escrita**

Para o crítico literário Antonio Candido, é necessário “[...] reconhecer que a obra é autônoma, mas que foi formada por coisas que vieram de fora dela [...] O importante é: quais são os elementos da realidade social que se transformaram em estrutura estética.” As transformações sistêmicas que aconteceram no final de 1888 em São Paulo, desenrolaram alterações das quais circunscrevem a escrita de Maria Lúcia no jornal *A Família*. Por isso, não reconstituir as reais condições de produção dos textos faz com que eles deixem de ter sentido (Socorro de Fátima Pacífico BARBOSA, 2007, p. 64).

No final do século XIX, a cidade de São Paulo apresentou transformações envolvendo o desenvolvimento da cidade, o que era reflexo de um ideal de nacionalismo em crescimento, já que, com a presença da família real em 1808, a metade do século teve contato com estrangeiros, o que também fomentou um desenvolvimento da urbe. O processo do “fim” de escravidão — tendo em vista que suas estruturas são vigentes atualmente —, ocorrida em 1850 com a interrupção do tráfico, incentivou a vinda de estrangeiros, esses limitados a europeus, para a posse de terras como forma de impedir a posse delas pelos negros recém ou posteriormente libertos, como afirma Domingues em *Uma História não contada: Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*.

Houve alterações sociais intimamente ligadas à exportação de café, como a ligação entre os lugares por meio da ferrovia. A cidade chegou a contar com 240 mil habitantes no final do século, decorrente de vários fatores, entre eles, o surgimento Academia de Direito, em 1827, a ascensão das profissões liberais, discriminatórias com africanos, e um desenvolvimento industrial referente à produção de bens de consumo duráveis, como têxtil e mobiliário, e não duráveis em termos alimentícios. A província de São Paulo tornou-se principal centro produtor de café com vistas à exportação, com clima e terra favoráveis para o cultivo. Dessa maneira, a confluência de imigração de contato com vários povos fez com que mentalidades da época sofressem alterações em função de sua produção material, isso porque, havia intenso movimento entre as províncias, o que fica evidente nos periódicos e jornais que se comunicavam entre si.

Concomitante a isso, a circulação de jornais em decorrência da Imprensa Régia instituída por D. João com o objetivo de informar questões documentais do Brasil, representou um impulso em produções que depois passaram a ser das belas-letas, e nesse sentido, como afirma Barbosa (2007), os periódicos teriam importante função na reconstituição do Romantismo, movimento literário do qual a escrita se fixava como maneira de representação da particularidade nacional, que no caso do Brasil, estava em construção.

No conto analisado, a autora constrói sua narrativa por meio de metáforas e abstrações. A significação do texto literário estaria assim em função de menor ou maior abertura de seus valores conotativos (João Alexandre BARBOSA, 1974, p. 94). Dessa forma, a configuração dos elementos do texto estaria intimamente ligada à sua estrutura. No conto de Maria Lúcia a abertura conotativa é alta. Desde o fluxo da narrativa sendo guiado pelo

anjo até a presença das mulheres em metáfora. A partir dessa abertura dos valores conotativos, Barbosa (1974) afirma ainda que há uma ampliação e complexidade das palavras, e que nisso, residiria a significação do texto literário como conhecimento. Interiorizada sua significação, a estrutura do conto passa a agrupá-la a partir do abstrato. A matéria exterior faz sentido a partir da posição em que a autora expõe na obra, de forma que o tratamento sobre a realidade é atribuído em função de como a escrita foi disposta.

### **O despertar na escrita de Maria Lúcia**

O despertar, como ponto crucial dessa maneira de se relacionar consigo mesma, surge como meio de transmissão do reconhecimento como ser pensante. Guiada pelo anjo, a personagem se vê em uma conjectura diferente. Associada aos mecanismos de transformação, o olhar sobre si mesma dispensa o que era superficial e o desengano assume o final no conto que encerra com a clareza do aspecto. Assim, a constituição do “eu” dialoga com o social e transmite esse processo de amadurecimento.

Os signos presentes no texto revelam uma reconstituição do vivido, dado que em totalidade a vivência não é alcançada. Produzir textos envolve produzir efeitos de sentido que não são estáveis, como afirma Kanavillil Rajagopalan (2002), e nessa perspectiva, o conto assume parte do que atualmente congrega um crescimento da atuação da escrita feminina e sua representação por si mesma. As representações das mulheres não mais sujeitas ao masculino e sua forma de conceber o material escrito, mas envolto de um cenário que a coloca como atuante no processo da escrita.

A diversidade e coletividade passam a ser exercidas por uma reconstrução do material escrito por mulheres, e conseqüentemente, de uma história. Mesmo que a própria visão feminina sobre si mesma ainda carregue resquícios de uma sociedade que as coloca com fragilidade e religiosidade fazendo parte de sua essência. A obra em si dispõe de elementos que permitem determinadas perguntas que decorrem a novas questões a serem pensadas no cerne feminino histórico. De forma a congregar nos estudos femininos, entender os “porquês” de modos de escrita, publicações e meio social, reconfigura um quadro geral de um passado que por anos foi impossibilitado de análise, mas que a partir da investidura mais frequentes das causas cada vez mais foi tomando espaço. Como exemplo disso, o jornal *A Família* e sua dificuldade de se manter, tendo em vista o pequeno número de leitores.

Contratempo que já é passível de análise de recepção, visto que as temáticas referentes ao jornal não eram tão comuns de serem lidas por mulheres.

Ao entender que os jornais representam mentalidades sociais, apresentam também âmbitos de relações de poder, já que a presença nos jornais não é permitida a todo e qualquer público. Suas relações têm por base determinadas conjecturas sociais, como exemplo disso, a alfabetização e letramento, que no século XIX não era disponível a todo e qualquer indivíduo. As divergências sociais compunham então o cenário de disposição do que era publicado. Assim, entender os desdobramentos faz parte da análise social e histórica da escrita que anteriormente não eram passíveis de interpretação, em decorrência de uma historiografia que buscou a interpretação do documento, diferente de concepções que o consideravam como fonte de resposta instantânea.

A subserviência feminina era assim naturalizada, assim como seus espaços reduzidos. Os estereótipos presentes ultrapassavam a vida cotidiana e se materializavam em ações, e por isso, consequências são vividas hoje em dia. Como foro de dominação masculina, os espaços de produção feminina permaneciam reduzidos e o que era naturalmente um direito de todos aparecia como uma benevolência masculina. Os espaços eram automaticamente tidos como de chefia dos homens e quando por eles cedido a mulheres, correspondia assim satisfeito.

As várias facetas dos processos de entendimento das mulheres de si mesmas passam por diversas apropriações de discursos que assimilam os de dominação que são recorrentes. Ou seja, ainda que transformações e o acesso a elas possibilite apanhado teórico, algumas concepções femininas ainda possuem respingos de hierarquia feminina em função da masculina, contribuindo para distorções do que de fato é importante frente ao caráter de reconhecimento da liberdade da mulher.

### **A pluralidade dos jornais oitocentistas e a história das mulheres**

De acordo com Valéria Severina Gomes e Mari Noeli Kiehl Iapechino (2008), o jornal no século XIX apresentava-se como meio de comunicação de elite por difundir mensagens que exigia bom nível de alfabetização e pelo domínio da elite governante. Propagado pela linguagem oral que marca uma expansão, ainda que escassa, dos conhecimentos no século XIX, os jornais como objeto de manuseio para os não-letrados que compunham grande

número da sociedade, não era escrito por eles. O sujeito dos quais obtinham as ideias e expressões eram pessoas com condições divergentes daqueles que ouviam o que era produzido. A distância entre a produção e recepção era de nível acentuado e por isso alterações de sentidos poderiam acontecer nesse processo. Aspecto que dificultou a democratização da imprensa, já que sua restrição envolvia traços sociais. Apesar do ideal de nacionalismo em efervescência no Brasil Império, sua formação discursiva tinha bases em relações sociais evidentes, o que implica a identificação de uma identidade pautada por classes sociais dominantes.

Ao reconhecer características de divergências de classes sociais e seus desdobramentos, consoante ao nacionalismo em crescimento, a produção possui uma “unificação e deslocamentos linguísticos e alterações na produção de sentidos nos textos” (GOMES; IAPECHINO, 2008, p. 51). A circulação e os intercâmbios de comunicação evidenciam as transformações sociais em um período em que a sociedade oitocentista se modificava, assim como, o dinamismo de práticas linguísticas de escrita que emergiam por meio de folhetins, jornais e periódicos. Conseqüentemente, a multiplicidade de formas das quais os sujeitos transitavam com o que era produzido representava um reflexo das alterações histórico-sociais. Como forma de pensar acerca disso, o subjetivismo plural em um único jornal com escritas parte dessa perspectiva de análise.

Entretanto, a pluralidade não constitui um viés homogêneo da distribuição e produção entre os indivíduos, visto que, o elitismo da imprensa limitava o acesso e produção. Consoante a isso, considerar autorias e suas respectivas classes sociais remete a uma abrangência dos processos sociais sem desconsiderar o aspecto financeiro que faz parte dessa configuração. Ausentar os traços das distâncias entre as classes presentes é desfalcar os espaços sociais que estão em existência naquele momento.

Nesse ponto de vista, o chamado *esquecimento* da história das mulheres não passou de um apagamento voluntário de circunstâncias que trazem em domínio público as condições de uma sociedade construída com categorias de gênero justificadas biologicamente. A escrita feminina na maioria dos jornais do século XIX mencionava solicitação aberta para qualquer mulher, mas determinar que essa abertura fosse de fato possível é um ponto a considerar. Portanto, falar de escrita era conseqüentemente falar de oportunidades de materialidade escrita, já que, considerando análises das estruturas sociais, nem todo e qualquer indivíduo poderia fazer parte

atuante do contexto jornalístico. Dessa maneira, isentar relações de poder consequentemente traria desfalques de análise.

Chamados de progressistas por aqueles que concordavam com a ideia de uma educação para mulheres, os espaços dispostos por mulheres passaram em muitos casos por uma legitimidade masculina, que por um lado auxiliou no processo de inclusão, já que, os pais eram representantes legais das mulheres, e por outro, colocou em cheque questões como “espaços dados” e “espaços conquistados”. Ainda que tenham vários desdobramentos que possam ser discutidos, o papel desempenhado pelas mulheres e a funcionalidade disposta a desconstruir a hegemonia estritamente masculina é evidente.

As representações das quais os contos dispunham caracterizavam discursos que em alguns casos eram construções sociais de uma ideia de feminilidade, isto é, o processo de escrita transmite transformações das quais a história das mulheres faz parte. Por isso, considerar os espaços de produções e suas condições é de notável importância de reconstrução histórica, já que, com base no entendimento de que o exercício historiográfico tem por foco a reconstituição do passado, questão evocada quando a História reivindicava seu caráter científico, sua reconstrução deve contemplar o maior nível de fontes necessárias.

A escrita feminina no Brasil oitocentista em muitos casos é destinada para público exclusivamente feminino, como é o caso do próprio jornal *A Família* que no próprio título compõe a especificação: *jornal litterario dedicado à educação da mãe e família*. Dado isso, vários exemplos existem de jornais que veiculam essa especificidade em relação ao público leitor em foco, dessa forma, pressupõe que o direcionamento demonstra receio quanto uma produção feminina para um público geral, ou até mesmo, que essa escrita não encontre espaço de existência em outros âmbitos.

Assim direcionada tendo em vista vários motivos de inferiorização, a produção feminina na segunda metade do século XIX apresenta processos de criticidade recorrente. Por outro lado, esses processos surgem em ambientes que demonstram uma transição e por isso, tendem a inferir mudanças na semântica textual. No conto de Maria Lúcia o fluxo do despertar e as representações alegóricas dispostas têm por personagens mulheres, partindo de uma perspectiva feminina. No início do século XIX essas representações se alteram gradativamente tendo em vista a presença da mulher que passa a ser disposta não somente em uma figura intrinsecamente dotada de extensa feminilidade, mas possuidora de caráter crítico.

Evidenciado seu caráter de ser, a escrita incluída em um contexto histórico auxilia no reconhecimento de suas características globais, como por exemplo, a autorrepresentação feminina em um caráter melancólico e passivo, compactuando com uma abstração compartilhada na época ao ser feminino. Nesse ponto de análise, fica evidente que não somente aqueles que tinham o poder, representado pela figura do homem, mas também as próprias mulheres detinham visões de si mesmas com essa estrutura.

O caráter constitutivo dessa mentalidade emerge devido a relações das quais os gêneros e suas concepções de papéis sociais se encontram. A maneira como as relações de poder atua em sua estrutura social compacta com a construção mental formada, e por isso, entender os mecanismo que fazem parte desse processo é essencial para que a escrita contextualizada faça parte de uma reconstrução de passado.

O androcentrismo, termo referente tanto ao conceito de patriarcado quanto a concepção de universalidade masculina, representa uma prática que se aplica aos desdobramentos dos quais a história das mulheres sofreu manifestações que atualmente ainda são sentidas e repetidas. A naturalização dos lugares dos quais as mulheres eram colocadas também auxiliavam e continuam auxiliando para esse quadro geral de hegemonia masculina, que desde os cânones reconhecidos se fazem presentes.

Portanto, constatar a importância da história das mulheres é permitir que o silêncio não seja parte do ser social da mulher, e que entender as relações com o sexo masculino compreende o entendimento do panorama geral de uma reconstrução. Tardamente agregado ao conteúdo dos livros didáticos e de presença insipiente, as escritas femininas, e, conseqüentemente, a história das mulheres passa por impasses que constroem uma visão reduzida ou inexistente da necessidade e presença das mulheres em determinados contextos.

Se o silêncio apareceu na história como um atributo feminino, que constituía parte do suposto mistério constitutivo da mulher, e mesmo do feminino enquanto ideal, é preciso rever seu lugar e pensar os espaços do silêncio no qual as mulheres foram “confinadas”, resultado de um poder simbólico que a impôs papéis e identidades. (Losandro Antonio TEDESCHI, 2016, p. 154)

A reconstituição deve assim não somente ficar disposta com raízes em seu apagamento, mas com o simbólico que as constitui, intentando para uma análise que não se prende somente a um passado feminino que não foi

contemplado, mas também às consequências e desdobramentos que efetivaram conceitos que atualmente ainda encontram espaços de legitimidade. Portanto, pensar nas representações que formam o cerne histórico social, já que, “inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante” (Joan SCOTT, 1995, p. 73). Dessa forma, o panorama de estudos se estende objetivando uma reconstrução do que é importante, ou até mesmo, do que se tornou importante dentro dos estudos historiográficos abrindo espaço para uma necessidade de estudo.

Caracterizada por uma variação de concepções, o jornal *A Família* dispõe de uma representação de discursos de mulheres que apresentavam até mesmo divergências. No pressuposto de que o ser social é a expressão de uma coletividade que não é homogênea, o papel do jornal no processo de reconstituição de uma maneira de pensar que não se bastava em pareceres idênticos, expede uma visão de transformação de ideias, um olhar que estava em operação de reconhecimento de sua não anulação, formado de papel social vigente. O *despertar* de Maria Lúcia carrega essa premissa, e sua estrutura forma arcabouço para entender a formação de um entendimento coletiva. Dessa maneira, a construção do enredo do conto da autora caracterizada por uma reviravolta em função da maneira como a personagem em primeira pessoa do discurso encontra a verdade, ou seja, acorda pra essa realidade. A ideia de que esse fluxo provoca a elucidação remete aos passos dos quais o eu-lírico do texto projeta suas descobertas por meio do anjo que afirma:

Olha: em cada palavra, em cada rosto, não vês alguma cousa que não é natural... uma linha que dá uma feição mais dura aquelle todo appareitamente perfeito? | |' .Sim, sim. . respondilhe desçorando e tremula de emoção... Julgo ver agora projectar-se atraz d'aquellas transpareencias tianquillisadoras a sombra de uma... ironia. (A FAMÍLIA, 1888, n. X, p. 7)

O termo “ironia” aparece assim com uma conotação de enganação ou até mesmo mentira, e por isso, é importante salientar como a formação discursiva do texto tem suas particularidades, até mesmo para que não ocorram anacronismos tendo em vista os aspectos estruturais. Assim, a formação semântica do texto conversa com os impactos e tendências que caracterizam a composição do contexto histórico em si.

A formação do jornal *A Família* indica uma necessidade de autoafirmação, isso porque os espaços dos quais as mulheres faziam parte se restringiam. A composição de um ser melancólico que vagorosamente progride para o esclarecimento compartilha da mesma formação social das quais o ser feminino está sujeito. Nessa perspectiva, entendendo que o cerne de Maria Lúcia compreende uma restrição dentro de uma restrição, já que, além de ser mulher, era uma mulher que possuía possibilidades de fazer parte do mundo letrado. Fato que é retificado pelo pai chamado de *progressista* em *O Caixeiro* (1880), o que não era tão comum no período.

Dado essa série de restrições fica claro o caráter complexo das multiplicações que formam essa reconstrução do passado. As propriedades de entendimento devem assim ter por base as divergências de um status canonizado masculino em oposição à presença feminina que vagorosamente vai ocupando espaço no meio social. Muitas vezes cedida e não imposta, sua presença decorre de uma transformação que até nos dias de hoje nuances de controle são sentidas em âmbitos que ultrapassam a escrita.

### **Considerações finais**

A escrita não basta por si só porque é formada pelo externo. Tendo em vista que nos anos 70 a presença das mulheres em narrativas históricas foi objeto de estudo, já que, por muito tempo as organizações acadêmicas refletiam uma produção material ligada somente à figura masculina. Com os desdobramentos dos estudos, a análise de periódicos mostrou-se como mais um gama de objeto para fazer-se presente a historicidade feminina e sua relação com contextos históricos.

Assim, a escrita de Maria Lúcia revela que mesmo que tenham existido mulheres que possuíam desejo para escrever, ainda eram incipientes suas presenças na escrita brasileira. Maria Lúcia representou uma gama reduzida de mulheres, que com a presença de laços com uma classe que estava incluída no cenário dos jornais do século XIX, fez sua escrita germinar. Não isentando sua carreira do esforço contido para fazer sua voz presente em um cenário majoritariamente masculino, mas tendo em vista que restrições existiam.

A análise do conto de Maria Lúcia transpõe uma série de características que constituem um imaginário do final do século XIX. Desde as transformações que envolvem o crescimento demográfico, a produção de jornais,

a entrada de imigrantes estrangeiros europeus, até a forma de escrita presente em jornais influenciados pelo Romantismo Europeu, assim como o Romantismo brasileiro em ascensão, em específico o jornal *A Família*, que apesar da proposta inovadora ainda apresentava resquícios de concepções arraigadas ao feminino em uma perspectiva unicamente materna e dona do lar, dependendo da autora lida no jornal. Isso mostra que a produção de sentidos estava em processo de afirmação entre as mulheres, assim como, o fato de transformações sociais não acontecerem ao acaso, mas sim como processos.

## Referências

*A Família: jornal litterario dedicado a educacao da mae de familia*. São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ: Typ. União, 1888-1894. il., retr. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=379034>. Acesso em: 26 jul. 2021.

*O Caixeiro: periodico noticioso, commercial e litterario*. Maceió, AL: [s.n.], 1880. 33x24cm. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/o-caixeiro/809586>. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=809586>. Acesso em: 11/05/2021.

*O Orbe*. Maceió, AL: Typ. Mercantil, 1880-1900.. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/doceader.aspx?BIB=260959>. Acesso em: 11 mai. 2021.

CANDIDO, Antonio. *O socialismo é uma doutrina triunfante*. [Entrevista cedida a] Joana Tavares. Brasil de Fato, Rio de Janeiro, n. 435, 8 ago. 2011. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/node/6819/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

ABREU, Márcia. Letras, Belas-letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (Orgs.) *História da literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, Fapesp, 2003a. (Coleção Histórias de Leitura).

POE, Edgar Allan. *A Filosofia da Composição*. In: POE, Edgar Allan: *ficção completa, poesia e ensaios*. (Orgs.), e Trans. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

ANDRADE, Mário. *O empalhador de passarinhos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

DOMINGUES, Petrônio José. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2019.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Pova, 2007, p. 69.

BARBOSA, João Alexandre. “Significação & metáfora: algumas reflexões sobre as relações entre literatura e sociedade”. *Revista Trans/form/ação*, v. 1, 1974, p. 91-104. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/issue/view/650>. Acesso em 15 jun. 2021.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *A construção de identidades e a política de representação*. In: *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 77-87.

ZICMAN, René Barata. “História através da imprensa – algumas considerações metodológicas”. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUCSP*. São Paulo: PUCSP, v. 4, n. 04, 1985, p. 89-102. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410>. Acesso em 14 jun. 2021.

GOMES, Valéria Severina; IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. “A inclusão cultural letrada no século XIX: o papel da imprensa”. *Revista Soletras*, n. 15, p. 45-59, 2008. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4738>. Acesso em 28 jun. 2021.

TEDESCHI, Losandro Antonio. “Os desafios da escrita feminina na história das mulheres”. *Revista Raído*, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016. Disponível em <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/5217>. Acesso em 25 jun. 2021.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

*Recebido em 27 de julho de 2021.  
Aprovado em 3 de setembro de 2021.*